



Para o estudo das tradições populares

Dirigida por José da Silva Vieira

CONTOS POPULARES ALEMTEJANOS

(Recolhidos da tradição oral)

XVII

Conto dos tres estudantes

Chegaram tres estudantes, sem vintem, a uma cidade, e combinaram para um arranjar o pão, outro o vinho e o outro a carne. O que havia de arranjar o pão foi falar com uma padeira que estava no mercado e ajustou um taboleiro de pão e mandou-o por um rapaz á estalagem, sem a mulher ouvir. Depois mettem-se entre muita familia que estava no mercado e póz um parche de pèz n'um olho sem ninguem ver. A mulher tudo era puxar por elle: Tio, ó tio, pague-me o pão. Elle volta-se para a mulher, e ella viu que tinha sò um olho. Pediu-lhe perdão, que não era elle, que era um homem que tinha dois olhos. O que havia de arranjar o vi-

nho foi a uma adega que estava medindo e levava um coiro ás costas, fazendo-se negociante de vinhos. Esteve provando, e, sem ninguem dar por tal, deixou o coiro d'agua que levava ás costas e levou um de vinho e foi para a estalagem. O que havia de arranjar a carne ajustou uma carga de caça e mandou-a por um rapazinho á estalagem sem o dono ouvir onde era, dizendo-lhe que ia com elle a uma igreja a falar com o padre que lhe havia de pagar a caça. Chegaram á igreja e disse o estudante para o homem que ia a falar com o padre. O estudante disse ao padre que estava ali um criado para ouvir de confissão; que ainda nunca se tinha confessado; que tivesse paciencia. Veio para o pé do velho e disse-lhe que o padre, quando acabasse de confessar aquelle penitente, o havia de chamar para lhe dar o dinheiro da caça, e foi para a estalagem. Quando o padre chamou o homem cuidava que era para o confessar e o homem cuidava que era para receber o dinheiro da caça. Mandou-o ajoelhar e benzer. Elle dis-

se-lhe que para receber o dinheiro que não era preciso ajoelhar, nem benzer. O padre disse-lhe: Tenha paciência, faça o signal da cruz e reze a confissão. De novo repetiu o homem que elle já se tinha confessado, queria que lhe desse o dinheiro da sua caça. Dizia o padre: Bem me dizia seu amo que ainda nunca se tinha confessado. Quando lhe falou em amo, conheceu o engano em que tinha cahido, e contou tudo ao padre. Foram em pergunta do estudante, mas a boas horas!...

—*—

XVIII

A desmazelada

Havia uma mulher casada e muito divertida. Tinha o marido doente, chegava d'uma função dizia para o marido:

—O' João, João, queres-me lá alguma coisa?

—Eu não.

—Vetiri e vitirão, o meu João não quer nada, não.

Depois adoeceu a mulher e disse para o marido que fosse á villa a chamar o cirurgião. O marido foi pela manbã e não veio senão á noite. Ella disse-lhe:

—O' João, foste á villa?

—Toda a tarde andei abaixo e a cima.

—Viste lá o cirurgião?

—Lá andava mais o irmão.

—Então não lhe deste parte do meu mal?

—Nunca mais me lembrei de tal!

—Não lhe procuraste se o meu mal tinha cura?

—Nunca me lembrou de tal figura.

—Quem me dera um bocadinho de pão molle.

—E eu oito ou nove.

—Quem me dera um bocadito de franganito.

—E eu a mãe e o filho.

Abalaste e aqui me deixaste entre quatro paredes.

—Deitasses uma abaixo que já ficavam tres.

—Ai! muito mal casei!

E eu muito mal fiquei.

Johel.

O POBRE ALEGRE

(Conto popular)

Quando Jesus Christo andava n'este mundo, um dia sahio com S. Pedro. Pediam esmola para se sustentarem, S. Pedro queria só as esmolas grandes e Jesus Christo pegava nas pequenas. D'esta maneira Jesus Christo encheu mais depressa o alforge que trazia. Um dia encontraram um pobre a quem pediram esmola. O pobre deu todo o dinheiro que trazia comsigo, que não era muito. Jesus Christo perguntou-lhe o que d'elle queria. S. Pedro disse-lhe do lado: pede-lhe a salvação = Cale se lá seu velho, disse-lhe o pobre alegre, eu sei o que heide pedir. = Então o que queres de mim, lhe perguntou novamente Jesus Christo. Olha o que eu quero é que aonde eu ponha a minha carapuça, ninguem se possa assentar senão eu. Concedido, lhe respondeu Jesus Christo. Tendo

morrido o pobre alegre, foi bater ás portas do céu. Lá vem S. Pedro. Assim que o pobre alegre o viu disse: Olá, velhote deixa-me entrar.—Não, lhe respondeu S. Pedro. Se querias entrar, pedisses ao Senhor o que eu te aconselhava que pedisses, assim agora aqui não tens entrada. Bate á porta de baixo (que era a do inferno) que lá t'abrirão. Não? então deixa-me sequer ver por uma frinchinha da porta o céu.—Pois va lá, respondeu S. Pedro, e quando S. Pedro abriu um pouco a porta para o pobre alegre ver o céu, este atirou logo com a carapuça á cadeira de S. Pedro, indo immediatamente assentar-se n'ella. S. Pedro foi queixar-se ao Senhor.—Então o que queres Pedro, lhe respondeu Jesus Christo não vês que concedi ao pobre alegre, que aonde elle pousasse a carapuça ahí poderia ficar, sem que ninguém o pudesse faser erguer? Não fôras tolo em lhe abrir a porta do céu. E por esta forma lá está o pobre alegre assentado na cadeira de S. Pedro e este em pé,

(Este conto foi colhido na freguezia de Cidadelhe, do concelho de Mesão-frio.

J. J. Gonçalves Preeira.

Castigos infligidos antigamente ás mulheres

Entre os castigos mais usados, e não menos curiosos, que em França, na Allemanha e no norte da Europa se costumavam dar ás mulheres,

era o da pedra ao pescoço, o qual ainda achamos usado em o seculo XVII. As caluniadoras, rixosas e intrigistas eram condemnadas a passarem pelas ruas mais publicas da cidade, levando uma pedra pendurada ao pescoço. Se a falta punida era de maior gravidade, estas mulheres eram precedidas por uma trombeta e um pregoeiro, que publicava em alta voz o motivo d'aquella pena. Sempre se escolhiam para a execução da sentença os dias de mercado, ou de maior concorrência nos logares publicos. Em tempos mais antigos, em lugar de pedra, suspendiam-lhes ao pescoço um cão e um gato vivos: porém depois era sempre uma pedra, cuja fórma differia segundo os paizes. Umaz vezes tinha esta pedra esculpida a cabeça de uma mulher com a lingua de fóra, como um cão fatigado, e era esta a designação das maldizentes e intrigantes; outras vezes tinha as figuras de um cão e um gato brigando, para designar o castigo das rixosas e motoras de desordens; uma garrafa designava as que eram punidas por embriaguez. Na casa das audiencias do Budissia, na Hungria, conserva-se ainda pendente da parede uma d'essas pedras com as figuras de duas mulheres agatanhando-se, e com uma inscripção que declara ter servido pela ultima vez a 13 de outubro de 1673. por sentença contra F. e F., convencidas de amotinarem incessantemente a visinhanca com suas rixas e desordens.

Cumprimentos de diversos povos

Os insulanos visinhos das ilhas Filipinas levantam o pé ou a mão d'aquelle a quem obsequieiam, e passam-n'o differentes vezes pela cara.

Os laponios carregam fortemente com o nariz sobre o d'aquelle a quem pretendem saudar.

Na Nova Guiné, põe-se folhas sobre a cabeça d'aquelle a quem se cumprimenta.

No Estreito de Sand, o que dirige o cumprimento levanta o pé esquerdo á pessoa cumprimentada, e pondo-o com delicadeza sobre a sua perna direita, o eleva depois junto á cara.

Os habitantes das ilhas Filipinas curvam-se quanto pôdem, e com as mãos sobre as faces, dobram o joelho levantando o pé para o ar.

Os ethiopes pegam nas roupas d'aquelle a quem saudam, e enrolam-se n'ellas até deixarem o seu amigão quasi nũ.

Os japonezes, para se cortejarem em qualquer rua, tiram uma das chinellas; porêm, estando em casa descalçam-se inteiramente.

Dois reis negros da Costa d'Africa cumprimentam-se apertando-se mutuamente tres vezes o dedo médio.

Os habitantes do Carmezim em testemunho de uma afeição particular, rasgam uma das suas veias e offercem aos seus amigos o sangue que d'ella sahe.

Os chins, quando se encontram depois de uma longa separação, lançam-se de joelhos, inclinam o rosto duas ou tres vezes para o chão, e praticam muitos outros distinctivos

de afeição. Tambem ha entre elles uma especie de ritual ou formulario de cumprimentos, pelos quaes se regula o numero de reverencias, genuflexões, e palavras que devem ter logar n'estas occasiões. Os embaixadores repetem esta cerimonia quarenta dias antes de serem introduzidos na côrte.

Os otahitios batem com os narizes um no outro.

Nas provincias meridionaes da China saudam-se com estas palavras; «*U a fan?*»

(Comestes já o nosso arroz?)

Os holandezes, a quem todos olham como grandes comedores, teem um cumprimento proprio da manhã, e que é commum a todas as classes; «*a Smakelyk eêteat?*» (Tendes bom jantar?) Tambem perguntam: «*Hoer vaart awe?*» (como vogaes?) Esta ultima formula provêm, sem duvida, dos primeiros tempos da republica, quando elles todos eram navegantes ou pescadores.

No Cairo, pergunta-se: «*Como estaes de suor?*» porque se reputa a pelle secca como indicio de uma febre mortal.

Um foro original

A camara de Manteigas paga ainda à de Gouvêa, o fóro de um copo d'agua, tirada á meia noite da vespera de S. João, no chafariz de S. Pedro.

A'quella hora vae o secretario da camara, acompanhado de tres homens, ao chafariz, enche o copo e entrega-o aos campanheiros, que o levam á camara de Gouvêa antes de nascer o sol, para esta passar o competente recibo.